

Eurípides

As bacantes

*Personagens*

Dioniso  
Coro (das Bacantes)  
Tirésias  
Cadmo  
Penteu  
Servo  
Mensageiro  
Outro Mensageiro  
Agave

### *Prólogo*

A cena é em Tebas. Ao fundo, a fachada do palácio real. Frente ao palácio, vêem-se algumas ruínas e entre elas o túmulo de Sémele, rodeado de vides, e donde se escapa por vezes um fio de fumo. Dioniso, revestido com uma pele de gamo e com o tirso na mão, entra em cena. Avança até o túmulo de Sémele.

### *Dioniso*

À terra de Tebas venho, eu, Dioniso,  
de Zeus filho, a quem outrora deu à luz Sémele,  
filha de Cadmo, pela chama do raio assistida.  
Alterando para mortal a feição divina,  
junto estou à nascente de Dirce e águas de Ismeno;  
o túmulo de minha mãe, a fulminada, vejo,  
ao palácio vizinho, e as ruínas da sua morada,  
do fogo de Zeus uma chama ainda viva exalando,  
imperecível cólera de Hera contra minha mãe.  
A Cadmo exalto, que em solo inviolável  
o túmulo da filha tornou; de pâmpano  
eu o cingi, em verdura e cachos abundante.  
Da Lídia e da Frígia, os campos ricos em ouro deixei;  
da Pérsia, os planaltos batidos de sol;  
de Bactria, os muros; em funesta invernia, o país  
dos Medos; e a opulenta Arábia percorri  
e a Ásia toda, que ao longo do salgado mar  
jaz, com Helenos a bárbaros associados,  
senhora de copiosas cidades de belas torres;  
para esta cidade dos Gregos logo me encaminhei,  
depois de ti ali instituídos meus coros  
e ritos, para aos mortais como deus me revelar.  
De terras helênicas, Tebas é a primeira  
a ressoar com os meus gritos, a nébride sobre o corpo,  
e à mão entregue o tirso, dardo feito de hera;  
pois as irmãs de minha mãe, menos que ninguém,  
deviam dizer que Dioniso não nasceu de Zeus,  
que Sémele, seduzida, a falta do leite

de algum mortal imputou a Zeus  
- expediente por Cadmo inventado - e que Zeus a matou  
porque disso se jactava, já que tais núpcias fantasiara.  
Por tal, de delírio as impregnei,  
e, loucos os espíritos, do palácio à montanha se foram.  
Forcei-as a usar a veste das minhas orgias,  
e toda a descendência feminina Cadminiana,  
quantas mulheres havia, expulsei das casas;  
sentam-se em rochedos desabrigados, sob verdes pinheiros.  
Deve a cidade aprender, ainda que não queira,  
nos báquicos mistérios não sendo iniciada,  
que a Sémele, minha mãe, defendo, e eu  
aos mortais surjo como deus, por ela de Zeus concebido.  
Cadmo, idoso já, o poder absoluto  
a Penteu, de uma filha gerado, entregou;  
este comigo luta e das libações  
me repele, e, nas preces, de mim não tem memória.  
Por isso, a ele e a todos os Tebanos  
Mostrarei que nasci deus. A outra terra,  
Depois de tudo em ordem, meus passos dirigirei,  
Revelando quem sou. Mas se a cidade de Tebas,  
Pela cólera e pelas armas, da montanha as Bacantes  
buscar reconduzir, dirigirei as Ménades no combate.  
Por tais motivos, em mortal mudados tenho os traços,  
a semblante humano passei a minha feição.  
Vamos! Vós que o Tmolo, bastião da Lídia, abandonastes,  
ó meu tíaso, ó mulheres, que de bárbaros países  
comigo trouxe, adeptas e companheiras minhas,  
os tamboris, na terra Frígia natos,  
erguei, invento de Réia venerável e meu,  
e, cercando o palácio real de Penteu,  
fazei-os ressoar, para que a cidade de Cadmo veja!  
Às escarpas do Citéron, aonde estão me vou,  
e, com as Bacantes, dos coros participarei.

*(Dioniso sai.)*

## ***Párodo***

*(Entra o coro das Bacantes, envergando peles de gamo, coroadas de hera e de serpentes, agitando os tirsos e os tamboris, tocando flauta e dançando ao som destes instrumentos.)*

### ***Coro***

Da terra da Ásia  
passando o Tmolos sagrado, eu me apresso  
por Brómio – doce fadiga,  
pena tão sem pena – a Baco  
celebrando com gritos de Evoé!  
Quem vai aí, quem vai aí? Quem?  
Para dentro de casa se afaste, uma fala piedosa  
cada um tribute!  
Sempre, o que pelo uso está consagrado  
a Dioniso cantarei!

*Estrofe 1.<sup>a</sup>*

Oh!  
Bem-aventurado, feliz quem  
nos divinos mistérios instruído,  
seus dias piedosamente dirige  
e a alma nobilita  
nas montanhas, pelas purificações  
sagradas das Bacantes!  
De Cibele, a Grande Mãe,  
celebrando as orgias,  
o tirso agitando freneticamente  
e coroando-se de hera,  
a Dioniso atende.  
Ide, Bacantes! Ide, Bacantes!  
A Brómio, deus filho de deus,  
a Dioniso fazei descer  
das frígias montanhas  
para as amplas ruas  
da Hélade, a Brómio!

*Antiestrofe 1.<sup>a</sup>*

Foi a ele  
que noutra tempo, acometida  
das violentas dores do parto  
sob o trovão alado de Zeus,  
fora do ventre a mãe  
lançou, deixando a vida  
por ação do raio fulminante.  
Logo, para que ele pudesse nascer,  
em um abrigo Zeus Crónida o acolheu,  
e a sua coxa dissimulou  
com fíbulas de ouro a prender,  
a ocultas de Hera.  
Deu à luz, quando os Destinos  
se cumpriram, o deus ornado de chifres  
e com uma coroa de serpentes o coroou.  
Desde então, com tal despojo  
selvagem, as Ménades  
seus anelados cabelos cingem.

*Estrofe 2.<sup>a</sup>*

Ó Tebas, de Sémele ama,  
engrinalda-te com hera,  
faz brotar em abundância o verde  
alegra-campo, produtor de belos frutos,  
ao delírio báquico consagra-te,  
com ramos de carvalho ou de abeto.  
E de mosqueadas nébrides revestida,  
rodeia-as com brancos cordões de lã  
entrançada. Do nártex soberbo um uso pio  
faz. O povo todo, sem demora, irá dançar em sua honra,  
- quem quer que dirija os tíasos, outro Brómio é -  
para a montanha, para a montanha, lá onde está  
das mulheres a multidão,  
dos teares e lançadeiras apartada  
e por Dioniso enlouquecida!

*Antiestrofe 2.<sup>a</sup>*

Ó antro dos Curetas,

e de Creta grutas veneráveis,  
que a Zeus viram nascer!  
Ali, nas cavernas, os de triplo elmo  
esta pele em círculo distendida  
para mim inventaram, os Coribantes!  
Ao ardor báquico uniram  
o harmonioso sopro das frígias  
flautas e nas mãos de Réia Mãe  
o depuseram, eco aos gritos das Bacantes.  
Os Sátiros, desvairados,  
da Deusa Mãe o receberam,  
e às danças  
das festas trienais o associaram,  
em que Dioniso se compraz.

*Epodo*

Está-se bem nas montanhas, depois das corridas dos tíasos,  
quando se cai por terra,  
envergando a sacra nébride, buscando  
o sangue de um bode imolado, a graça da omofagia,  
para as frígias e lídias montanhas avançando, ao sinal de Brómio,  
Evoé!  
Do solo escorre leite, escorre vinho, escorre das abelhas  
o néctar!  
Tal um vapor de incenso da Síria,  
o sacerdote de Baco empunhando  
a ardente chama no topo da vara  
de pinheiro, incita  
à corrida, e às danças  
quem anda errante impele,  
com seus brados estimula,  
os delicados cabelos flutuando ao vento...  
Entre gritos de Evoé, ele clama:  
Ide, Bacantes!  
No esplendor do Tmolo que rola torrentes de ouro,  
celebrai a Dioniso  
pelo rufar dos tamboris,  
glorificando o deus Evoé com Evoés,  
em gritos estridentes ao modo frígio,

quando o sacro loto de melodioso tom  
fizer ecoar os sacros acordes dos folguedos, em uníssono  
c'os espíritos alucinados, para a montanha, para a montanha!  
Então, plena de deleite, como a poldra que com a mãe  
vai pascer, a Bacante seus pés velozes em saltos agita...



## 1.º Episódio

*(O adivinho Tirésias, envergando uma nébride, vem bater à porta do palácio, donde irá sair Cadmo.)*

### ***Tirésias***

Quem está à porta? Que vá chamar Cadmo,  
o filho de Agenor, aquele que a Sídon  
abandonou, para esta cidade de Tebas edificar.  
Alguém vá anunciar-lhe que Tirésias  
o procura. Ele sabe o que me impele,  
o que a minha velhice à sua mais decrépita prometeu:  
guarnecer os tirsos, envergar as peles de gamo  
e com folhas de hera a cabeça ornar.

*(Entra Cadmo, vestido de igual maneira.)*

### ***Cadmo***

Ó tu, de entre os amigos o mais caro! Presentindo  
a tua sensata voz de homem sensato, lá dentro do palácio,  
acorri, a divina veste pronto a trajar;  
sendo Dioniso filho de minha filha, urge  
exaltá-lo até onde está o nosso alcance.  
Onde iremos dançar, onde deter nossos passos  
e agitar os encanecidos cabelos? Orienta-me,  
Tirésias, um ancião a outro ancião. É que tu és sensato!  
Toda a noite e todo o dia, sem esmorecer,  
batendo a terra com o tirso, é doce olvidar  
a velhice!

### ***Tirésias***

Sentes o que eu sinto.  
Também rejuvenesci. Aos coros pretendo associar-me.

### ***Cadmo***

Iremos em carros para a montanha?

### ***Tirésias***

Tanto menor seria a honra do deus.

*Cadmo*

Servir-te-ei de guia, um velho a outro velho.

*Tirésias*

Para ali nos conduzirá o deus, sem custo.

*Cadmo*

De toda a cidade, só nós dançamos por Baco?

*Tirésias*

Só a nós o bom senso possui, aos outros não.

*Cadmo*

Tardamos muito. Dá-me a tua mão.

*Tirésias*

Ei-la, estende e associa a tua.

*Cadmo*

Mortal que nasci, aos deuses não rejeito.

*Tirésias*

Não podemos lograr os deuses.  
Os costumes ancestrais igualam o tempo  
em grandeza; não os aniquilará o raciocínio,  
ainda que ínclitos espíritos descubram a sabedoria.  
Dirão que da senilidade não sinto pejo,  
porque a dançar e de hera a cabeça a cingir, aspiro.  
Não determina o deus se é jovem  
ou velho aquele que à dança se entrega,  
a todos reclama honras iguais,  
sem distinções; glorificado anseia ser.

*Cadmo*

Pois que da claridade não desfrutas, Tirésias,  
dos fatos intérprete para ti me voverei.  
Rumo ao palácio, açodado, vem Penteu,  
filho de Equíon, em quem o real poder deleguei.

Que feição alterada! Que trará de novo?

*(Penteu, com vestes reais, entra.)*

***Penteu***

Do país tendo estado ausente, eis que chego  
e ouço falar dos males recentes que vão pela cidade:  
nossas mulheres dos lares se esquivaram  
em busca de falsos mistérios, em lúgubres  
montanhas vagueiam, a um novo deus,  
Dioniso, ou lá quem é, honrando com danças!  
No meio dos tíasos elevam-se, a transbordar,  
os crateres, umas e outras em ermo recanto  
se acolhem, dóceis aos prazeres masculinos:  
na aparência, Ménades cumpridoras dos sacrifícios,  
na realidade, a Baco preferem Afrodite!  
De algumas me assenhoreei, agrilhoadas as mãos;  
a essas, meus servos nos cárceres vigiam;  
as outras, que estão longe, das montanhas farei sair,  
e, prendendo-as em férreas cadeias,  
os nocivos mistérios báquicos depressa cercearei.  
Contam que se introduziu aqui um estrangeiro,  
um mago do país lídio, um feiticeiro,  
que seu cabelo de fulvos anéis aromatiza,  
e, nos olhos, de Afrodite a graça purpúrea detém!  
Dia e noite às jovens se associa,  
os ritos de Evoé ofertando...  
Se sob este teto o apanhar,  
ao bater do tirso obstarei, e ao agitar  
dos cabelos, apartando o pescoço do resto do corpo.  
O deus Dioniso ele afirma ser,  
aquele que na coxa de Zeus outrora foi cosido,  
ele, que pelas chamas do raio foi devorado  
com a mãe, porque as núpcias divinas fantasiou.  
Da abominável força não é isto digno,  
insolente pleno de insolência, quem quer que seja o estrangeiro?  
Mas que prodígio me é dado contemplar! O adivinho  
Tirésias, em mosqueadas nébrides envolto,  
e de minha mãe o progenitor - oh! escárnio! -

empunhando o nártelex em delírio! Renego, ó pai,  
a tua senilidade, privada de entendimento!  
E se arremessasses essa hera? E se desejasses  
do tirso a mão soltar, ó pai de minha mãe?  
Tu o persuadiste, Tirésias! O que visas,  
atraindo aos homens essa nova divindade,  
é granjear salários, observando as vítimas e o vôo das aves!  
Se teus encanecidos cabelos por ti não velassem,  
acorrentado, entre as Bacantes te acomodarias,  
pois tais ritos celerados quiseste introduzir. Quando às mulheres,  
no festim, o fulgurante suco da uva é ofertado,  
eu sustento que em tais orgias nada de sensato há!

### *Coro*

Que impiedade! Ó estrangeiro, aos deuses não temes  
nem a Cadmo, o que semeou a messe que da terra veio a nascer?  
Tu, vergôntea de Equión, o desdouro de tua raça anseias?

### *Tirésias*

Quando de seus discursos um homem sabedor colhe  
bons princípios, fala bem e sem pena.  
Destra linguagem tens, como se sensato foras,  
mas em tuas palavras não há sensatez.  
Um homem com audácia e arguto no falar,  
porém sem discernimento, funesto cidadão será.  
Da divindade nascente, que ora tu escarneces,  
não poderei relatar quanta magnitude  
na Hélade alcançará! Duas são, ó jovem,  
entre os homens as coisas primeiras: a deusa Deméter  
- é a terra; por um destes nomes invoco-a, a teu grado -  
aos mortais os alimentos secos proporciona.  
Vem depois o seu émulo, o filho de Sémele,  
que da uva o fluído líquido achou e trouxe  
aos mortais; aquieta aos homens míseros  
suas penas, quando do suco da vinha estão saciados,  
o sono e o olvido dos males cotidianos  
lhes concede; para as dores outro lenitivo não há.  
Ele, que nasceu deus, aos deuses em libação se entrega  
e, graças a ele, dos homens o bem é pertença.

Dele zombas, porque a Zeus foi cosido  
na coxa? Pois demonstrarei que está certo.  
Depois que da chama do raio o arrebatou,  
Zeus conduziu ao Olimpo o deus-menino.  
Da abóbada celeste, Hera pretendeu arremessá-lo;  
então Zeus, como deus que é, contra ela estas coisas urdiu:  
do éter que envolve a terra, uma parte  
ele rompeu, e entregou-o, fazendo dele um penhor,  
.....  
do ciúme de Hera, Dioniso. Mais tarde,  
os homens afirmaram que na coxa de Zeus ele foi cosido,  
tendo alterado a palavra - que o deus à deusa  
Hera como penhor outrora servira - uma lenda forjaram.  
Vate é ainda o deus. O êxtase báquico  
e o delírio têm grande poder profético.  
Quando o deus penetra bem no corpo,  
aos alucinados o porvir permite anunciar.  
Dos atributos de Ares tem também uma parte;  
em armas e em ordem de combate, um exército  
ele dispersou, pelo terror, antes de as lanças se tocarem.  
Tal é o delírio que de Dioniso nos vem.  
Ainda o há de ver sobre os Délficos penhascos,  
pulando, com a tocha de pinheiro, no planalto de dois cumes  
pondo em vibração e brandindo a vara e Baco,  
e engrandecer-se na Hélade! Vamos, Penteu, escuta-me!  
não te ufanes de ter um poder absoluto entre os homens,  
não creias, quando enferma se encontra tua mente,  
não creias pensar bem. Acolhe o deus nesta terra,  
consagra-lhe libações, anima-te do delírio e coroa a tua cabeça!  
A serem castas não constrangerá Dioniso  
as mulheres, no culto de Cípris, mas em sua própria natureza  
deve-se buscar essa virtude. Pois nos festejos de Baco,  
corrupta não se tornará a que for casta.  
Vê como te apraz. quando às tuas portas se comprime  
o povo, e de Penteu o nome a cidade aclama!  
A ele também, penso, apraz ser glorificado.  
Eu e Cadmo, ainda que tu dele zombes,  
de hera engrinaldados a dançar iremos -  
um par encanecido, e dançando todavia.

Não me persuadirás por tuas palavras a combater os deuses,  
Das loucuras a mais cruel te tomou, nas drogas  
alívio não acharás, mas não é sem drogas que enfermo te encontras.

*Coro*

Ó ancião, a Febo em palavras não ultrajas,  
e honrando a Brómio, o grande deus, és sensato!

*Cadmo*

Ó filho, bons são os conselhos de Tirésias,  
junto de nós permanece, além das tradições não avances!  
Agora desvarias e, em teu senso, sensatez não há.  
Ainda que não seja deus, como tu crês,  
declara-o; mentindo com elegância, afirma  
que ele existe, para que Sémele passe por ter dado à luz um deus,  
e a toda a nossa raça honra admirará.  
Recorda a desventura sinistra de Actéon:  
os feros cães que criara, esses mesmos  
o dilaceraram, nas planícies, porque de superar  
na caça a Ártemis ele se vangloriava...  
Teme-te disto! Vem cá, para que te cinja a cabeça  
com hera. Em nossa companhia, aos deus rende homenagem.

*Penteu*

Afasta a mão, e vai-te aos báquicos mistérios te entregar!  
Acaso teu desvario pretendes propagar até mim?  
De teus absurdos o mestre, a esse com penas  
hei de punir! Que alguém se dirija já  
para o sítio, de onde as aves ele observa,  
com as varas e o tridente, às avessas tudo voltai,  
as coisas todas removei, de alto a baixo,  
e aos ventos e procelas suas coroas desamparai...  
Vós outros a cidade percorrei, no encalço  
desse efeminado estrangeiro, que dissemina o flagelo  
recente entre as mulheres e nossos lares lacera.  
E logo que o agarreis, trazei-o agrilhado  
ante mim, para que do suplício da lapidação  
ele pereça, após ver o amargo fim dos seus ritos em Tebas.

*Tirésias*

Desgraçado, tu não sabes o que dizes!  
Antes, tinhas a mente turbada, agora possui-te o furor.  
Vamos, ó Cadmo, e façamos preces  
por este homem, embora sendo cruel,  
e pela nossa cidade ao deus, para que ele nada faça  
de estranho. Segue-me, e a vara engrinaldada de hera traz,  
o meu corpo vê se sustentas; o mesmo farei quanto ao teu.  
Vergonhoso seria que nós, dois anciãos, caíssemos. Vamos!  
A Baco, filho de Zeus, temos de servir.  
Que Penteu de penas portado não seja a este lar  
que é o teu, Cadmo! Pela mântica não falo,  
mas pelos fatos - insensato que sem senso fala!

*(Tirésias e Cadmo saem.)*

## 1.º Estásimo

### Coro

#### *Estrofe 1.a.*

Piedade, dos deuses soberana,  
Piedade, que sobre a terra  
as áureas asas alongas,  
de Penteu as palavras apreendes?  
Apreendes a sacrílega  
insolência contra Brómio, filho  
de Sémele, ele, dos alegres festins  
de formosas coroas, o senhor,  
ele, dos bem-aventurados o primeiro? É da sua tarefa  
os tíasos conduzir,  
ao som da flauta rir  
e nossos cuidados apaziguar,  
quando o suco da uva  
no sacro banquete reluz,  
e em festins de hera cingidos  
somo entre os homens o crater  
derrama...

#### *Antiestrofe 1.a.*

Das palavras sem freio  
e da ímpia loucura,  
desventura é o termo!  
Uma bem repousada  
existência e um bom senso  
firme mantêm  
e conservam nosso lar. Do longínquo  
éter habitantes embora,  
as ações dos mortais os Celícolas observam.  
Sabedoria não é sensatez,  
nem o é raciocinar acima de mortal.  
Curta é a vida; se para lá da medida  
alguém busca a grandeza,  
os bens presentes não sustentará.  
De loucos são tais hábitos,



e de insensatos,  
a meu ver.

*Estrofe 2.<sup>a</sup>*

Quem me dera ir para Chipre,  
de Afrodite a ilha,  
lá onde reinam, do coração dos mortais  
sedução, os Amores!  
Ou a Pafos, a quem as correntes  
de cem embocaduras do bárbaro rio,  
em lugar das chuvas, fertilizam!  
Ou ao mais aprazível sítio,  
a Piéria, das Musas morada,  
do Olimpo sacra vertente!  
Conduz-me para lá, ó Brómio, Brómio,  
o deus Evoé, das Bacanais o arauto!  
Lá estão as Graças!  
Lá está o Desejo! Lá, às Bacantes  
as orgias é dado celebrar!

*Antiestrofe 2.<sup>a</sup>*

O deus, filho de Zeus,  
com os festins se regozija,  
ele ama da felicidade a doadora,  
a Paz, deusa da juventude.  
Por igual, ao rico  
e ao pobre ele oferta  
o vinho delicioso, das penas olvido.  
Repudia quem tal não apreciar:  
dia e noite a ventura  
e a vida desfrutar,  
no bom senso o coração e o espírito manter,  
à margem dos imoderados.  
O que a multidão  
ignara aceitou e pratica,  
quero-o também!

## **2.º Episódio**

*(Os servos de Penteu trazem Dioniso acorrentado. Um deles fala.)*

### ***Servo***

Penteu, ei-nos trazendo capturada a presa  
pela qual nos enviaste; não foi em vão que marchamos.  
A fera que aqui está foi-nos dócil e não pretendeu  
evadir-se, antes de seu grado as mãos ofertou,  
e sem empalidecer, sem alterar a face cor de vinho,  
sorrindo, a acorrentá-lo e a trazê-lo nos incitou,  
enquanto aguardava, tornando-me fácil a tarefa.  
Eu, confuso, disse-lhe: "Estrangeiro, não é por mim  
que te arrasto, mas por Penteu, que tal me ordenou."  
Quanto às Bacantes, que tomaste e encerraste  
nos públicos cárceres, em grilhetas algemadas,  
libertas se foram através dos campos,  
saltando e o divino Brómio invocando,  
dos pés por si se soltaram as cadeias,  
das portas sem mão mortal os ferrolhos se afrouxaram.  
Veio este homem, para Tebas tornar  
plena de maravilhas. Quanto ao resto, é a ti que pertence atender.

### ***Penteu***

Despredei-o! Em minhas redes caído,  
por veloz que seja, não me escapará.  
Não sem beleza teu corpo é, ó estrangeiro,  
pelo menos para as mulheres; por isso em Tebas surgiste;  
teus longos e anelados cabelos, não peleja,  
mas paixão denunciam, pela face dispersos...  
A nívea pele que tens, não é por falta de cuidados -  
dos raios do sol resguardada, não da sombra.  
Com tal perfeição a Afrodites cativas...  
Qual a tua origem, primeiro me dirás.

### ***Dioniso***

Fátuo não sou; simples é de expor.  
Já ouviste falar do Tmolo fecundo em flores?

*Penteu*

Sim, como um círculo, a cidade de Sardes envolve.

*Dioniso*

De lá venho, a Lídia é a minha pátria.

*Penteu*

Donde são os mistérios que à Hélade trazes?

*Dioniso*

Dioniso nos iniciou, o filho de Zeus.

*Penteu*

Um Zeus tendes por lá, de novos deuses criador?

*Dioniso*

Não: apenas aquele que a Sémele nestes lugares se uniu.

*Penteu*

Deu-te ordens de noite ou à tua vista?

*Dioniso*

Nos olhos o olhei, e os ritos me entregou.

*Penteu*

Dessas orgias por ti obtidas, qual a natureza?

*Dioniso*

Aos não iniciados vedadas estão as coisas secretas.

*Penteu*

Daqueles que os acolhem, qual o proveito?

*Dioniso*

Não é justo que o saibas, mas profícuo é conhecê-los.

*Penteu*

De astúcia usas, para eu mais querer escutar.

*Dioniso*

Os sacros mistérios rejeitam a piedade.

*Penteu*

Viste claramente visto o deus, como era ele?

*Dioniso*

A seu grado, não fui eu quem o determinou.

*Penteu*

Outra destra evasiva, para não falares.

*Dioniso*

Ao ignorante, o que fala com senso parece não pensar bem.

*Penteu*

Para aqui trouxeste primeiro o teu deus?

*Dioniso*

Todos, de entre os bárbaros, celebram os mistérios.

*Penteu*

É que eles são menos sensatos que os Helenos!

*Dioniso*

Nisto, são-no bem mais, ainda que os costumes divirjam.

*Penteu*

É de noite ou de dia que os ritos se praticam?

*Dioniso*

De noite sobretudo; mais sacras são as sombras.

*Penteu*

Dolo temerário para as mulheres é!

*Dioniso*

Atos indecorosos traz também o dia.

*Penteu*

Com pena serás punido, por teus perversos sofismas!

*Dioniso*

E tu, por irreverência e impiedade para com o deus!

*Penteu*

Ó insolente Bacante, em discutir tão versado!

*Dioniso*

Que irei sofrer, diz? Que dano me farás?

*Penteu*

Teus delicados caracóis primeiro cortarei...

*Dioniso*

Sacros cabelos, para o deus os criei!

*Penteu*

Depois, o tirso que na mão seguras entregarás.

*Dioniso*

Vem arrebatá-lo! De Dioniso é atributo!

*Penteu*

No recôndito dos cárceres, teu corpo custodiado será.

*Penteu*

O próprio deus me libertará, quando eu desejar.

*Penteu*

Quando entre as Bacantes o invocares...

*Dioniso*

Está perto agora e quanto padeço ele vê.

*Penteu*

Onde? À minha vista não é visível...

*Dioniso*

Onde eu estou. Mas, ímpio que és, não te apercebes.

*Penteu*

Prendei-o! Este homem a mim e a Tebas ultraja!

*Dioniso*

Não me acorrentem! Sensato, a um insensato falo!

*Penteu*

Acorrentar-te irei; mais poderoso que tu eu sou.

*Dioniso*

Desconheces o que seja a tua vida, o que fazes e quem és!

*Penteu*

Sou Penteu, filho de Agave e vergôntea de Equíon!

*Dioniso*

À desdita propício é teu nome!

*Penteu*

Vai-te! Aprisionai-o aqui perto, nas estrebarias  
dos cavalos, para que, além das negras trevas, nada veja!  
Lá podes bailar... Quanto às tuas sectárias,  
cúmplices dos teus erros, ou as venderei,  
ou de suas mãos o fragor e o vibrar do couro  
apartando, minhas servas ao tear farei.

*Dioniso*

Estou pronto a ir, pois o que não tem de ser, não devo  
sofrê-lo. De tais opróbrios o repressor,  
Dioniso te punirá, aquele que afirmas não existir.  
Iníquo para nós, a ele vais acorrentar.

*(Saem Dioniso, acompanhado pelos servos, e Penteu.)*

## 2.º Estásimo

### Coro

### Estrofe

.....  
Ó filha de Aqueloo,  
Dirce divina, ninfa formosa,  
noutro tempo, em tua nascente,  
ao rebento de Zeus acolheste,  
quando, para sua coxa, da chama  
imortal, Zeus pai o arrebatou,  
estas palavras bradando:  
“Anda, Ditirambo, para o meu seio  
viril podes entrar! Como Baco,  
eu te proclamo para os Tebanos,  
para que assim sejas denominado!”  
E tu, bem-aventurada Dirce,  
repudias-me, a mim, que para as tuas margens  
conduzo os tirsos coroados!  
Por que me repeles? Por que te esquivas?  
Pelo pâmpano em cachos abundante,  
Pela dádiva de Dioniso, eu te juro,  
que em Brómio terás ainda de atentar.

### Antiestrofe

Quanta, quanta cólera  
exala da terra  
o filho, a vergôntea do dragão,  
Penteu, aquele que Equión  
o Ctónio procriou!  
Monstro de fero olhar, não  
humana criatura, tal sanguinário  
gigante, rival dos deuses,  
em suas redes, a mim,  
servo de Brómio, vai colher!  
Já no âmago do palácio,  
o guia dos tíasos ele tem  
em obscuros cárceres oculto!

Isto vês, ó filho de Zeus,  
Dioniso, os teus profetas  
em luta com a fatalidade!  
Desce, brandindo o áureo  
tirso, do alto do Olimpo,  
reprime a insolência do insano sanguinário.

A Nisa, berço das feras,  
ó dos tirsos portador,  
ó Dioniso, conduzes os tíasos,  
ou aos cumes Coricianos?  
Em arvoredo profusos, talvez  
aos remansos do Olimpo, onde  
outrora Orfeu tocando cítara,  
com seus cantos as árvores atraiu,  
atraiu as feras bravias...  
Piéria bem-aventurada,  
Évio te venera, ele virá  
teus coros dirigir junto às Bacantes;  
o Áxio de céleres correntes,  
com as desenfreadas Ménades  
dançarinas transporá,  
e os Lídias, progenitor  
da prosperidade, e aos mortais  
da ventura doador, esse, dizem,  
que o país dos formosos corcéis com águas  
aprazíveis fecunda.



### 3.º Episódio

*(Ouvem-se os clamores de Dioniso no interior do palácio.)*

**Dioniso**

Iô!

Escutai-me, escutai a minha voz,

Iô, Bacantes, Iô, Bacantes!

**Coro**

- Quem é? Quem é? Donde vem o apelo  
de Évio, que me reclama?

**Dioniso**

Iô! Iô! Clamo de novo,

eu, o filho de Sêmele e de Zeus!

**Coro**

- Iô! Iô! Senhor! Senhor!

Vem a nós, ao nosso

Tíaso, ó Brómio, Brómio!

**Dioniso**

Énosis divina, abala o sono desta terra!

**Coro**

- Ah! Ah!

Já de Penteu a mansão

se desmantela e desaba!

Dioniso está no palácio!

Venerai-o! – Venerado é!

- A pétrea arquitrave viste, sobre as colunas

deslocar-se? É Brómio

que brada sob esse teto!

**Dioniso**

A chama fulgurante do raio ateia,

E o palácio de Penteu incendeia, incendeia!

**Coro**

Ah! Ah!

O fogo não vês, não podes discernir,  
à roda do sacro túmulo de Sémele? É  
a chama da trovoada, que ela outrora deixou,  
quando do raio ferida.

Ao solo os trêmulos corpos arremessai,

Ó Ménades, arremessai! O Senhor

Assalta e revolve o palácio,

O filho de Zeus!

*(As Ménades prosternam-se e Dioniso sai do palácio.)*

**Dioniso**

Ó mulheres bárbaras, que pânico imenso vos tomou,

para que estejais prostradas por terra? Ao que parece, sentíeis que Baco  
abalava o palácio de Penteu. Vamos! Erguei  
vosso corpo e repeli de vossa carne o pavor, tende confiança!

**Coro**

Ó luz suprema, que de Evoé o delírio nos concedes,  
com teu encontro rejubilo, sozinha em minha solidão!

**Dioniso**

Apoderou-se de vós o desalento, quando fui remetido  
por Penteu às sombrias masmorras, para aí ser arremessado?

**Coro**

Como evitá-lo? Quem seria o meu guardião, se a má sorte te atingisse?  
Como pudeste libertar-te desse ímpio?

**Dioniso**

Por mim só me soltei, sem esforço e sem pena.

**Coro**

Ele não te ligou e agrilhoou as mãos?

**Dioniso**

Aí o iludi, porque, crendo acorrentar-me,

nem me tocou nem atou, embora acalentasse a esperança.  
Achando um touro na estrebaria onde me aprisionaram,  
quis algemar-lhe os joelhos e os cascos com grilhetas,  
resfolegando de furor, com o suor a cair-lhe em gotas do corpo,  
mordendo os lábios com os dentes; eu permanecia perto  
e, sentado, observava. Nesta altura exata,  
Baco surgiu, o palácio abalou e no tûmulo materno  
acendeu uma chama. Ao avistá-la, julgou que o palácio se consumia.  
Pula daqui, pula dali, ordenou aos servos que lhe trouxessem  
o Aqueloo; ao trabalho se lançaram, esforço vão!  
Pensando que me evadira, a tal obra pôs termo  
e precipitou-se, arrebatando a negra espada de dentro do palácio...  
Brómio, então, ao que julgo – digo o que me pareceu –  
pousou um fantasma no palácio; arrojando-se  
contra o luzente pedaço de éter trespassa-o, supondo degolar-me...  
Além destas, outras afrontas lhe destinou Baco:  
o palácio todo sacudiu, e arruinou-o de cima a baixo.  
Caro lhe custará o ter-me acorrentado. Com a fadiga  
afrouxou, o gládio repudiando. Mortal que é, contra um deus  
ousou empreender peleja! Saindo eu silencioso  
do palácio, vim ante vós, sem curar de Penteu.  
Se bem me parece – ressoa o seu tacão de dentro do palácio –  
na soleira vai já surgir. Depois destas coisas, que dirá?  
Por grande que seja a sua ira, com calma a enfrentarei.  
Ao homem sensato cabe cultivar uma disposição equilibrada.

*(Penteu sai do palácio.)*

### ***Penteu***

Acosou-me a desgraça! Escapou-me o estrangeiro  
que com grilhetas subjugara havia pouco!  
Ah! Ah!  
Ei-lo aqui! Que é isto? Como te evadiste  
e apareces no limiar da minha morada?

### ***Dioniso***

Detém-te! Deves frear um pouco teu furor!

*Penteu*

Como lograste fugir, às cadeias escapando?

*Dioniso*

Não te disse – ou não ouviste – que alguém me libertaria?

*Penteu*

Quem? Novas histórias sempre trazes...

*Dioniso*

Aquele que para os mortais cria o pântano em cachos abundante.

*Penteu*

.....

*Dioniso*

Em tal censura está a glória de Dioniso!

*Penteu*

As portas todas, em redor, ordeno que encerrem!

*Dioniso*

Para quê? Os muros aos deuses podem deter?

*Penteu*

Esperto, esperto és, não naquilo que devias.

*Dioniso*

Antes no que é preciso, mais esperto eu sou.  
Presta primeiro atenção às palavras  
daquele que da montanha traz novas para ti.  
Fico ao teu lado; não fugirei.

*(Entra o boieiro.)*

*Mensageiro*

Ó Penteu, senhor da Terra de Tebas,  
do Citéron eu venho, lá onde nunca  
da neve caída a brancura deslustra!

### *Penteu*

As veneráveis Bacantes eu vi, essas que, da cidade,  
partiram como setas, os seus níveos pés num frenesi.  
A ti e ao país, Senhor, eu venho anunciar  
os prodígios que praticam, aos milagres superando.  
Anseio por saber, se com sinceridade  
devo relatar tudo, ou moderar minhas palavras.  
O arrebatamento do teu espírito temo, Senhor,  
Os acessos da tua cólera e tua régia índole.

### *Penteu*

Fala! Totalmente impune ante mim estarás.  
Aos que cumprem o seu dever, a ira não alcança.  
Quanto mais estranho o que disseres das Bacantes,  
tanto mais, sobre aquele que suas artes insinuou  
entre as mulheres, a justiça se abaterá.

### *Mensageiro*

A manada de bois trepara havia pouco  
às alturas, para o pastoreio, quando o sol  
seus raios dardeja, a terra aquecendo...  
Três tíasos vejo então, três coros de mulheres,  
um, dominado por Autónoe; o segundo,  
por Agave, tua mãe; o terceiro era o coro de Ino.  
Todas dormiam, com os corpos reclinados,  
umas com as costas apoiadas à ramagem de um abeto,  
outras em folhas de carvalho... No solo, a cabeça  
ao acaso e castamente pousada, não como tu dizes  
- embriagadas pelo vinho e pelo som do loto  
e buscando, isoladas, o amor no bosque.  
Elevando-se entre as Bacantes, tua mãe lançou  
O brado ritual, ao sono os corpos furtando,  
logo que dos bois corníferos o mugido escutou.  
O sono profundo das pálpebras apartando, todas  
se ergueram; sua compostura era maravilha de ver  
- jovens, velhas e virgens do jugo ignorantes aidna!  
Sobre os ombros, os cabelos deixaram cair primeiro,  
as nébrides levantaram depois, das quais os cordões,

lassos, pendiam soltos; as peles mosqueadas  
cingiram com serpentes que lambiam as faces delas...  
Em seus braços seguravam corças e crias de lobo,  
seu níveo leite às feras ofertando,  
jovens mães, de seio tímido ainda,  
que os filhos abandonaram. Enfeitam-se com coroas  
de hera, folhas de carvalho e flores de alegre-campo...  
Uma, tomando o tirso, contra uma rocha bateu;  
de água límpida, uma torrente dali jorrou...  
Outra, com o nártex escavou da terra o solo,  
e o deus uma nascente de vinho fez brotar...  
Aqueles que sentiam ânsia da branca bebida,  
com as pontas dos dedos a terra esgaravataram,  
abundante leite recolhendo. Dos tirsos,  
ornados de hera, um fluxo de doce mel gotejava...  
Ah! Se lá estiveras, ao deus que ultrajas  
havia de dirigir preces, depois de veres tais prodígios!  
Boieiros e pastores nos reunimos,  
discutindo uns e outros nosso parecer  
sobre os prodígios praticados, tão dignos de admiração.  
Um, mais conhecedor da cidade e dos discursos,  
a todos falou: "Ó vós que os sacros planaltos  
das montanhas habitais, quereis dar caça  
a Agave, mão de Penteu? Se dos báquicos coros  
a reconduzirmos, grato será ao Senhor." Pareceu-nos  
dizer bem. Na folhagem das moitas, bem ocultos  
nos escondemos. Elas, a uma hora certa,  
o tíaso à báquica corrida impeliram;  
de uma só voz, ao filho de Zeus, a Iaco,  
a Brómio, elas invocaram. A montanha toda delirava  
e as feras; na corrida, nada fica imóvel...  
Ao meu alcance passou Agave saltando;  
Pretendendo agarrá-la, de um pulo,  
a moita deixei, onde oculto me encontrava.  
Ela clamou: "Ó céleres pernas minhas,  
por homens somos acoissadas! Acorram,  
acorram, com vossas mãos armadas de tirso!"  
Pela fuga nós nos furtamos  
ao dilacerar das Bacantes, porém, sobre os nossos bois

que pasciam erva, se abatem, com mão sem ferro.  
A uma vimos, uma vaca de fecundos úberes  
que mugia, em suas mãos ambas tomar;  
outras, a dilacerar vitelas se dispuseram...  
Terias visto costelas e cascos fendidos,  
arremessados em todas as direções,  
suspensos dos abetos, a gotejar sangue...  
Touros enfurecidos e de hastes em riste,  
logo a seguir por terra jaziam, os corpos  
abatidos por milhares de mãos femininas...  
A carne que os revestia mais depressa despedaçaram,  
que tu sobre a real pupila a pálpebra descerias...  
Tal as aves que voam, em corrida se precipitaram  
para as planícies que se estendem ao longo das correntes do Asopo  
e que aos Tebanos a espiga de belas bagas fazem brotar.  
Sobre Hísias e Étrias, que da montanha do Citéron  
a falda habitam, caíram como horda hostil,  
devastando tudo e de cima a baixo as coisas  
revolvendo. Arrebataram as crianças das casas.  
Quanto nas espáduas pousaram, sem vínculos  
a prender, nada no negro solo tombou,  
nem o bronze nem o ferro. A seus anelados cabelos  
o fogo enlaçou, sem os queimar. Saqueados pelas Bacantes,  
os camponeses precipitaram-se, coléricos, para as armas.  
Prodígio espantoso se viu então, Senhor!  
O ferro dos dardos não as fazia sangrar...  
Elas, projetando os tirsos das mãos,  
feriam e punham em debandada os homens,  
embora sendo mulheres, mas validas de algum deus!  
Ao lugar donde haviam partido, seus passos as levaram de novo  
às nascentes que o deus para elas alimentara;  
o sangue banharam e, gota a gota, a pele  
de suas faces as serpentes lamberam com a língua...  
A este deus, quem quer que seja, ó Senhor,  
em tua cidade acolhe! É notável em tudo,  
e dizem que ele, assim eu o escutei,  
o pâmpano que alivia as penas doou aos mortais.  
Não havendo vinho, não havia amor,  
não restava deleite algum para os homens.

*Coro*

Palavras livres eu temo dizer  
ao tirano; todavia, eu as proferirei:  
Dioniso não nasceu inferior a nenhum deus!

*Penteu*

Eis que já perto de nós ateia, como uma fogueira,  
a afronta das Bacantes, que ante os Helenos nos ultraja!  
Não devemos perder tempo. Corre até à Porta Electra,  
apela para todos os portadores de escudos,  
para todos os cavaleiros de velozes corcéis,  
quantos manejem o escudo e vibrem com a mão  
a corda dos arcos... Vamos combater contra as Bacantes!  
Nada há mais nocivo que suportar  
que nos subjuguem as mulheres!

*Dioniso*

Não queres crer, nem escutar as minhas palavras,  
ó Penteu! Não obstante os tratos que da tua parte sofri,  
digo-te que não é lícito levantar armas contra um deus,  
mas se deve permanecer em paz. Brómio não permitirá  
que expulse as Bacantes dos montes onde evoé ecoou!

*Penteu*

Não pregues mais! Das cadeias não escapaste?  
Aproveita-o. Pretendes que te puna de novo?

*Dioniso*

Oferendas lhe faria, em lugar de violência  
e rebeldia contra o seu aguilhão... Um mortal contra um deus!

*Penteu*

Oferenda justa lhe farei: sangue feminino  
dos flancos do Citéron escorrendo profuso...

*Dioniso*

Fugireis todos! Vergonhoso é que os escudos  
brônzeos sejam desbaratados pelos tirsos das Bacantes...



*Penteu*

Nas garras do estrangeiro não acho saída,  
Que me obedeça, quer atue por si, não se cala!

*Dioniso*

Meu senhor, harmonizar as coisas podemos ainda...

*Penteu*

Que fazer? Hei-de ser servo dos meus servos?

*Dioniso*

Até aqui, sem armas, as mulheres trarei.

*Penteu*

Ai! Que um dolo maquinas contra mim!

*Dioniso*

Qual, se anseio salvar-te com as minhas artes?

*Penteu*

Algum pacto fizestes, para celebrardes sempre Baco.

*Dioniso*

Sim, fizemos um pacto, está certo – mas com o deus!

*Penteu*

Minhas armas trouxe aqui, e tu, às tuas palavras põe termo.

*Dioniso*

Olha lá!

Gostarias de vê-las acampadas nas montanhas?

*Penteu*

Muito! Muito peso em ouro eu daria até!

*Dioniso*

Por que te toma essa ânsia imensa?

*Penteu*

Ficarei angustiado, se as vir embriagadas.

*Dioniso*

Doloroso te é, e de teu grado queres ver?

*Penteu*

Digo-te que sim: em silêncio e pelos abetos dissimulado.

*Dioniso*

Ela encontrarão o teu rasto, mesmo que te ocultes bem...

*Penteu*

Falas com acerto: às claras, não!

*Dioniso*

Teu guia serei. Para a jornada estás pronto?

*Penteu*

Leva-me o mais célere que possas. Aborrece-me a tua demora.

*Dioniso*

Envolve o teu corpo com um peplos de linho.

*Penteu*

O quê? Homem que sou, a mulher passarei?

*Dioniso*

Temo que te matem, se lá virem que és homem.

*Penteu*

Falas bem; já há muito te mostraste esperto...

*Dioniso*

Estas coisas Dioniso me inspirou.

*Penteu*

Como executar o que tão bem me aconselhas?

*Dioniso*

Vamos ao palácio; eu vou vestir-te.

*Penteu*

Vestir o quê? Um traje feminino? O pudor me detém.

*Dioniso*

Já não tens desejo de espiar as Ménades?

*Penteu*

Queres descrever-me o traje que hei de envergar?

*Dioniso*

Comprida cabeleira em tua cabeça colocarei.

*Penteu*

Qual a segunda peça do meu disfarce?

*Dioniso*

Um peplos até os pés; na fronte, uma mitra.

*Penteu*

Além dessas, que outra coisa me vais por?

*Dioniso*

Um tirso na mão e uma pele de gamo mosqueada.

*Penteu*

Não serei capaz de vestir uma roupa de mulher.

*Dioniso*

Sangue correrá, se às Bacantes provocares.

*Penteu*

É justo; vamos observar primeiro.

*Dioniso*

É mais sensato que granjear males com o mal.

*Penteu*

Como atravessas a cidade, sem os Cadmianos saberem?

*Dioniso*

Por ermos caminhos iremos. Eu te conduzirei.

*Penteu*

Prefiro isso, a que as Bacantes zombem de mim.  
Entremos no palácio... e decidirei o que parecer melhor.

*Dioniso*

Seja! Estou pronto a preparar-te tudo.

*Penteu*

Vou-me: ou marcharei, tomando as armas,  
ou os teus conselhos acatarei...

*(Penteu entra no palácio.)*

*Dioniso*

Mulheres, caído na rede está o homem.  
Vai alcançar as Bacantes, mas será punido com a morte.  
Dioniso, a ti compete agir; não longe te encontra.  
O castigo não tarda! Penetre primeiro seu espírito  
um impetuoso delírio... Se conservar o bom senso,  
não quererá envergar uma veste de mulher;  
se desaparecer o bom senso, envergá-la-á.  
Ao escárnio dos Tebanos pretendo expô-lo,  
conduzindo-o pela cidade, disfarçado de mulher,  
ele, de ameaças tão pródigo outrora!  
Tenho de ir ajustar a Penteu a veste, com que há de  
alcançar o Hades, às mãos da mãe  
estrangulado. Reconhecerá o filho de Zeus,  
Dioniso, que se mostra, no fim, o mais temível  
dos deuses, ele, o mais clemente para os humanos!

*(Dioniso entra no palácio.)*

### 3.º Estásimo

#### Coro

#### Estrofe

Nas danças que duram toda a noite  
irei enfim pousar meus alvos pés,  
tomada de delírio, o colo  
arremessando ao éter orvalhado...  
Tal a corça na erva tenra  
do prado, brincando com delícia  
depois que se furtou da funesta  
caça e da vigia, saltando  
as bem entrançadas redes...  
Mas com seus brados o caçador  
à corrida os cães incita:  
com esforço e corridas em turbilhão,  
pula na planície  
ao longo do rio, desfrutando  
os lugares ermos de homens os rebentos  
da floresta de folhagem umbrosa...  
Que será a sabedoria? Haverá dadiva  
mais honrosa dos deuses para os mortais  
que segurar com mão vitoriosa  
a cabeça dos inimigos?  
O que é honroso, deleitoso é sempre!

#### Antiestrofe

Com mansidão se move, mas é  
infalível, dos deuses  
o poder. Ele castiga, dentre os mortais,  
aqueles que prestam culto à iniquidade,  
e aos deuses não veneram,  
com seus espírito perverso.  
Ele oculta, com astúcia,  
a lenta marcha do tempo  
ao ímpio, e acossa-o. Nada  
que ultrapasse as tradições  
se deve conhecer e exercer.

Custoso não é reconhecer  
a força da divindade,  
quem quer que ela seja,  
e que o que se aceita ao longo do tempo  
é verdade eterna que na natureza se funda.  
Quer será a sabedoria? Haverá dádiva  
mais honrosa aos deuses para os mortais  
que segurar com mão vitoriosa  
a cabeça dos inimigos?  
O que é honroso, deleitoso é sempre!  
Venturoso aquele que às procelas  
do pélogo escapa e o porto alcança!  
Venturoso aquele que suas penas  
subjuga! Por vários métodos, uns aos outros  
em dita e poder superam.  
Múltiplos os homens, múltiplas  
as esperanças suas, umas  
em dita se acabam  
para os mortais, outras se esfumam...  
Quem da ventura do dia a dia desfruta,  
eu tenho por feliz!

#### **4.º Episódio**

*(Dioniso sai do palácio e volta-se para trás, para chamar Penteu.)*

**Dioniso**

Tu, que de ver o que não deves tão desejoso estás,  
e o que é vedado te é solicitas, a ti falo, ó Penteu,  
sai do palácio e oferece-te a meus olhos,  
envergando uma veste de mulher, de Ménade, de Bacante,  
tu, o espia de tua mãe e suas sectárias...

*(Entra Penteu, vestido de Bacante e com o tirso na mão.)*

Uma das filhas de Cadmo nas feições me pareces

**Penteu**

Eu estou em crer que vejo dois sóis...  
E vejo Tebas, a cidade das sete portas, a dobrar...  
A ti, que me conduzes, um touro eu te creio,  
e na tua cabeça despontaram chifres...  
Já eras dantes uma fera! Em touro te tornastes!

**Dioniso**

O deus, antes tão benigno, escolta-nos  
como aliado. Agora vê o que não deves.

**Penteu**

A quem me assemelho? O semblante do Ino  
tenho, ou o de Agave, minha mãe?

**Dioniso**

Vendo-te, a elas creio ver.  
Mas olha que deslocaste do sítio um anel de cabelo,  
que já não está como eu há pouco em tua mitra ajustara.

**Penteu**

Foi lá dentro, que ao agitá-lo e movê-lo,  
do sítio o desviei, quando do delírio tomado.

*Dioniso*

A mim, como teu aio, me compete  
compô-lo de novo. Endireita a cabeça!

*Penteu*

Ei-la, compõe-me! Em tuas mãos estou!

*Dioniso*

Tua cintura está solta, e ainda as pregas  
do teu peplos se alongam em desordem nos tornozelos...

*Penteu*

Esse é também o meu parecer, quando ao pé direito.  
Daqui, o peplos alcança o meu tacão.

*Dioniso*

Vais considerar-me os mais caros dos teus amigos,  
quando vires as Bacantes castas, e não como dizias.

*Penteu*

Pegarei no tirso com a mão direita  
ou com esta, para parecer mais uma Bacante?

*Dioniso*

Com a direita, e ao mesmo tempo levanta  
o pé direito. A mudança de tua mente bendigo!

*Penteu*

Não poderia levar as encostas do Citéron,  
junto com as Bacantes, em meus ombros?

*Dioniso*

Podias, se desejaesses. Dantes, a mente  
sã não tinhas, agora está como deve ser.

*Penteu*

Tomo uma alavanca? Ou ergo-o por minhas mãos  
metendo o ombro ou o braço sob o seu cume?



*Dioniso*

Não derrubes os templos das Ninfas,  
e a morada de Pã, onde a flauta ressoa...

*Penteu*

Falas bem: não devemos vencer pela força  
as mulheres. Nos abetos ocultarei o meu corpo.

*Dioniso*

Esconde-te no esconderijo, onde deve esconder-me  
um espia astuto que as Ménades vem ver...

*Penteu*

Olha! Como as aves nas moitas, até já creio  
contemplá-las, às blandícias do amor cativas...

*Dioniso*

Por isso mesmo és mandado vigiar.  
Tomá-las podes, se tomado não fores primeiro...

*Penteu*

Leva-me através da terra tebana.  
Sou o único homem que, entre todos, ousa tal!

*Dioniso*

Só tu a penar pela cidade, só tu!  
Por isso te aguardam pelepas dignas de ti.  
Segue-me! Teu guia salvador eu sou.  
Outrem há de trazer-te de lá...

*Penteu*

A que me deu à luz...

*Dioniso*

De todos contemplado...

*Penteu*

Para tal vou.

***Dioniso***

Transportado virás...

***Penteu***

Afagado dizes que serei.

***Dioniso***

Nas mãos de tua mãe...

***Penteu***

Amimar-me pretendes.

***Dioniso***

E que mimos!...

***Penteu***

Alcançarei o que mereço.

*(Penteu dirige-se para a saída.)*

***Dioniso***

Desgraçado dos desgraçados, destino mais desgraçado buscas,  
tu encontrarás a glória que se ergue até nos céus!  
Estendei as mãos, Agave e vós, filhas de Cadmo,  
do mesmo sangue oriundas! Este jovem que aqui está eu conduzo  
ao grande combate! Vencedor eu serei  
e Brómio... Os fatos dirão o resto.

*(Sai Dioniso.)*

#### 4.º Estásimo

##### Coro

##### Estrofe

Correi, céleres mastins da Loucura, à montanha correi,  
lá onde as filhas de Cadmo o tíaso detêm!  
A elas provocai  
contra aquele que, em túnica de mulher encoberto,  
enlouquecido, as Ménades vai espiar!  
A mãe será a primeira a vê-lo, do alto do rochedo polido  
ou de uma árvore  
espreitando, e pelas Ménades bradará:  
“Quem é este, que às Cadmianas  
que correm pelos montes acossa, e à montanha à montanha veio,  
veio, ó Bacantes? Quem o deu à luz?  
Não foi do sangue  
de mulher gerado, mas de alguma leoa  
ou da estirpe das Górgonas Líbias!”  
Venha a justiça resplandecente, venho do gládio portadora  
e fira de morte a garganta  
do ímpio sem deus, sem leis, sem justiça, vergôntea  
de Equión, pela terra gerado!

##### Antiestrofe

Àquele que, com falsos juízos e cólera criminosa,  
contra as orgias tuas, ó Baco, e de tua mãe,  
de coração embravecido  
e de louca audácia tomado, se apresta,  
como se o invencível pudesse vencer pela força,  
a esse, a morte é que vem equilibrar o espírito,  
nas coisas divinas inexorável.  
Comportarmo-nos como mortais, livra-nos de desgostos.  
A sabedoria ao sábio deixo:  
buscá-la me apraz; contudo, há outros bens preciosos  
e manifestos. Possa a minha vida caminhar para a beleza,  
e, de dia e de noite,  
na pureza e na piedade, rejeitando as práticas  
contrárias à justiça, dignificar os deuses!  
Venha a justiça resplandecente, venha do gládio portadora

e fira de morte a garganta  
do ímpio sem deus, sem leis, sem justiça, vergôntea  
de Equíon, pela terra gerado!

*Epodo*

Mostra-te como touro, ou um dragão de múltiplas cabeças  
ou um leão ardente como a chama!  
Vamos, ó Baco, ao caçador de Bacantes,  
com rosto sorridente, acolhe nas redes  
de morte àquele que há de ser surpreendido  
no bando das Ménades!



### *Coro*

Diz-me, conta-me, de que morte morreu  
o perverso maquinador de perversas manobras?

### *Mensageiro*

Depois que da terra de Tebas deixamos  
as moradas, e do Asopo a corrente passamos,  
subimos as encostas do Citéron,  
Penteu comigo – ao meu senhor seguia –  
e o estrangeiro, guia da nossa expedição.  
Primeiro, num vale verdejante nos detivemos,  
os ps passos e as vozes conservando  
sufocados, para ver sem sermos vistos.  
Era uma garganta rochosa, sulcada de regatos,  
e de pinheiros sombreada, onde as Ménades  
acampadas, em aprazíveis tarefas se ocupava:  
uma, a seus tirsos já desguarnecidos,  
com tufos de hera de novo coroavam...  
Outras, como poldras que o lavrado jugo largara,  
de Baco o cantar entoavam à porfia...  
O desventurado Penteu, como não via o bando das mulheres,  
clamou, “Ó estrangeiro, do sítio onde estou,  
os meus olhos às Ménades corruptas não alcançam;  
se trepar desta escarpa para um aberto altaneiro,  
as torpezas das Ménades discernirei com precisão.  
À partir de então, vi este prodígio do estrangeiro:  
agarrando um ramo de abeto que nos ares se erguia,  
baixa-o, baixa-o, baixa-o até o solo escuro...  
E dobrava-se como um arco ou como uma roda recurva,  
que arrasta o seu curso enquanto se traça com o compasso a sua volta.  
Assim o estrangeiro, segurando nas mãos o tronco alpestre,  
por terra o vergava, realizando um feito que não era de um mortal.  
Tendo instalado Penteu na ramagem do abeto,  
deixou que o ramo de entre suas mãos se soltasse  
suavemente, cuidando para que ele não caísse,  
e, muito direito, ao éter direito se elevasse,  
com o meu senhor montado lá no cimo.  
Mas a si se mostrava que às Ménades observava.  
Logo que o viram instalado no alto,

já de nossos olhos o estrangeiro se apartara  
e do éter uma voz, que parecia ser  
de Dioniso, clamava: “Ó jovens,  
trago aquele que de vós, de mim e de minhas orgias  
escarnece. Castigá-lo podeis, pois!”  
Enquanto tais palavras proferia, entre a terra e o céu,  
o brilho de uma luz terrível se acendeu.  
Silenciou o éter, silenciou do vale frondoso  
a folhagem, das feras o brado mais não se ouviu...  
Elas, não apreendendo logo o apelo com seus ouvidos,  
ergueram-se, muito direitas, e a vista volveram...  
De novo ele as chamou. Reconhecendo  
de Baco o claro mando, as filhas de Cadmo,  
ágeis não menos que pombas, precipitaram-se,  
correndo com os pés em louca correria,  
Agave, a mãe, e as irmãs, do mesmo sangue oriundas,  
e as Bacantes todas... Do vale a torrente  
e as ravinas transpuseram, tomadas de sopro divino.  
Avistando o meu senhor montado no abeto,  
de início treparam num rochedo como uma torre,  
e arremessavam-lhe pedras com violência;  
depois, com ramos de abeto o atacaram.  
Outras atiraram os tirsos aos ares,  
contra Penteu, desventurado alvo, mas não o atingiram.  
Lá no alto, fora do alcance da cólera delas,  
estava o desgraçado, preso sem evasão.  
Por fim, quebrando com fragor ramos de carvalho,  
arrancaram as raízes com aquelas alavancas sem ferro...  
Mas o trabalho não obedecia aos seus anseios,  
e Agave bradou: “Vamos, fazei um círculo,  
agarrai o tronco, ó Ménades, para que a fera  
trepadora capturemos, não vá revelar do deus  
as danças secretas!” Milhares de mãos  
no abeto se abateram e ao solo o arrancaram...  
Do alto, lá bem do alto tombou, derrubado  
no solo, milhares de gemidos soltando,  
Penteu. O fim próximo ele compreendia.  
A mãe, sacerdotiza primeira, ao homicídio preludia  
e sobre ele se lança. Dos cabelos a mitra

ele arredou, para que o reconhecesse e não matasse  
a infortunada Agave; e falou, a face dela  
acariciando: “Mãe, sou eu, o teu filho  
Penteu, que na mansão de Equión deste à luz;  
apieda-te de mim, ó mãe, e, não obstante meus erros,  
um filho teu não queiras imolar!”  
Expelindo espuma e as revoltas pupilas  
agitando, sem raciocinar como devia,  
por Baco dominada, sem o escutou...  
Pegou no braço esquerdo pela mão,  
ao flanco do infeliz apoiou o pé com a sua energia,  
e a espádua lhe desarticulou, não apenas com a sua força,  
mas com a destreza que em suas mãos o deus incutira.  
No outro flanco, estas mesmas coisas Ino fazia,  
dilacerando as carnes, e Autónoe com o bando todo  
das Bacantes acudia. Tudo era um confuso clamor,  
ele, gemendo o que o alento lhe consentia,  
elas, ululando. Uma levava um braço,  
outra um pé ainda calçado. Desguarnecidos estavam  
os flancos pelos dilaceramentos. Com as ensanguentadas  
mãos, em jeito de bola, as carnes de Penteu arremessavam.  
O corpo mutilado jazia aqui e ali, partes em agrestes  
rochedos, parte na folhagem do bosque frondoso.  
Não seria fácil de achar. Tomando a cabeça  
do desventurado entre as suas mãos, a mãe a segurou  
e, cravando-a no cimo do tirso, como se da montanha  
um leão fora, passeia-a pelo Citéron,  
deixando as irmãs nos coros das Ménades.  
De sua presa funesta se orgulha e avança  
para as nossas muralhas, a Baco invocando,  
o seu camarada, o seu companheiro de caça,  
o que lhe deu a vitória – a quem traz um troféu umedecido de pranto.  
Em louca correiria, a tal calamidade  
me vou escapando, antes que Agave sua morada alcance.  
Praticar a moderação, e ser reverente aos deuses  
é a coisa melhor, e creio ainda que é o mais sensato dos bens para uso  
dos mortais.

*(Sai o Mensageiro.)*



## *5.º Estásimo*

### *Coro*

Dancemos por Baco,  
celebremos a desgraça  
de Penteu, vergôntea do dragão,  
que envergando uma veste de mulher,  
o nártex, do Hades penhor,  
e o tirso tomou,  
tendo como arauto de sua desventura o touro!  
Bacantes cadmianas,  
vosso canto triunfal e glorioso se acabará  
em lamentos, em prantos!  
Belo combate, onde com a mão gotejando sangue,  
o corpo do filho se estreita!

*Êxodo*

*Coro*

Mas em direção ao palácio eu vejo correr  
a mãe de Penteu, Agave, com olhar turvo.  
O cortejo do deus Évio acolhamos!

*(Entra Agave em delírio, com a cabeça de Penteu nos braços.)*

*Agave*

Ó Bacantes da Ásia!

*Estrofe*

*Coro*

Oh! Por que me excitas?

*Agave*

Da montanha trazemos,  
para esta mansão, hera recém-cortada,  
caça abençoada!

*Coro*

Eu vejo, e neste carro te acolho!

*Agave*

Sem redes a apanhei,  
a esta jovem cria de um leão selvagem!  
Podeis vê-lo!

*Coro*

Em que ermo lugar?

*Agave*

O Citéron...

*Coro*

O Citéron?

*Agave*

Viu-o morrer.

*Coro*

Quem o feriu?

*Agave*

A honra primeira me cabe.

Nos tíasos apelidam-me de Agave, a bem-aventurada.

*Coro*

Quem mais?

*Coro*

De Cadmo...

*Coro*

De Cadmo o quê?

*Agave*

As filhas,

- mas só a seguir a mim - a seguir a mim,

é que a fera tocaram. Que caça tão ditosa!

*Coro*

.....  
.....

*Agave*

Participa do meu festim!

*Antiestrofe*

*Coro*

O quê? Eu, participar, desgraçada?

*Agave*

É um bezerro ainda jovem,

e um pelo bem delicado floresce, abundante,

na sua cabeça!

*Coro*

Com uma fera selvagem no pelo se parece...

*Agave*

Baco, hábil caçador,  
habilmente incitou à caça desta fera  
as Ménades.

*Coro*

Grande caçador é o nosso soberano!

*Agave*

não queres louvar-me?

*Coro*

Eu te louvo!

*Agave*

Daqui a pouco os Cadmianos...

*Coro*

E Penteu, de ti nascido...

*Agave*

Sua mãe louvará  
por esta presa de leão haver tomado.

*Coro*

Presa desmedida!

*Agave*

De forma desmedida granjeada!

*Coro*

Regozijas-te?

*Agave*

Rejubilo

nestes grandiosos, grandes feitos  
e esplêndidas proezas desta caça.

*Coro*

Patenteia agora, ó infortunada, tua presa triunfal  
aos cidadãos, esse despojo que vens trazendo!

*Agave*

Ó vós que habitais a cidade de belas torres,  
no país tebano, vinde apreciar esta presa,  
a fera que nós, as filhas de Cadmo, abatemos,  
não com dardos tessálicos presos por correias,  
não com redes, mas com as lâminas alvas  
de nossas brancas mãos... Depois disto, será lícito enaltecer-se  
o caçador que compra ao fabricante armas supérfluas?  
Nós mesmas com as nossas mãos o agarramos,  
elas nos bastaram para o desmembrar.  
Onde está o meu velho pai? Que venha aqui.  
Penteu, o meu filho, onde está? Uma escada ele encoste  
às muralhas e os bem assentes degraus suba,  
para nos triglifos cravar a cabeça  
deste leão, o troféu por mim caçado.

*(Entra Cadmo, seguido pelos escravos, que trazem numa padiola os restos mortais de Penteu.)*

*Cadmo*

Segui-me, ó vós que tão doloroso fardo transportais,  
o de Penteu; segui-me, servos meus, ao palácio fronteiro.  
O seu corpo, depois de mil buscas estafar,  
aqui o trago; nos declives do Citéron foi achado  
em pedaços, nenhum deles em igual sítio  
recolhido, na floresta imperscrutável jazendo...  
Anunciaram-me o delito das minhas filhas,  
quando já da cidade os muros alcançava  
com o velho Tirésias, depois de deixar as Bacantes.  
De novo a caminho da montanha, de lá trago

o corpo do meu filho massacrado pelas Ménades.  
Ali, de Aristeu a esposa de Actéon a mãe,  
a Autónoe, eu vi, e também a Ino,  
que ainda sob o aguilhão sinistro erravam pela floresta...  
Disseram-me que para aqui, em corrida báquica,  
Agave se encaminhava. Palavras vãs não escutei,  
ante a mim a tenho, ó terrífica visão!

*Agave*

Ó pai, vangloriar-te podes, com legítima vaidade,  
de as mais ousadas filhas ter engendrado  
de entre os mortais! Falo de todas, mas de mim em especial,  
que, das lançadeiras do tear me apartando,  
a mais aspirei, e capturei feras com as minhas mãos.  
Nos braços trago, como vês, as primícias  
desta coragem, para que nos muros do teu palácio  
seja suspenso. Ó pai, acolhe-o em tuas mãos!  
Deves ufanar-te da minha caça!  
Convoca os amigos para um festim! Ditoso, bem ditoso  
és, por tais proezas praticarmos!

*Cadmo*

Ó dor sem freio, tão dolorosa de ver,  
sangue derramado por mãos míseras, eis a tua proeza!  
Bela é a vítima que aos deuses acaba de imolar,  
e para cujo festim aos Tebanos e a mim convidas!  
Teus males choro primeiro, os meus depois.  
É que o deus, com justiça talvez, mas com força excessiva  
nos feriu – Brómio, o Senhor, vergôntea de nossa raça!

*Agave*

Ah! Como os homens são mal humorados na velhice,  
e de aspecto carrancudo! Que o meu filho  
bom caçador venha a ser, o exemplo da mãe seguindo,  
para, com a juventude tebana,  
as feras acossar! Mas combater os deuses é só  
o que ele sabe. Ó pai, cumpre-te  
adverti-lo! E se alguém o convocasse  
ante meus olhos, para que veja a minha ventura?

*Cadmo*

Ai! Ai! Quando tomares consciência do que fizeste,  
uma dor atroz te consumirá! Se até o fim  
deves permanecer sempre no estado em que te encontras,  
que afortunada não és, mas infortunada também não, hão de pensar.

*Agave*

Que há nisto de odioso ou de lúgubre?

*Cadmo*

Primeiro, levanta os teus olhos ao éter.

*Agave*

Estou a olhar. Por que tal ordenas?

*Cadmo*

Parece-te igual, ou sofreu alteração?

*Agave*

Está mais resplandecente e transparente que antes.

*Cadmo*

O deslumbramento opera anda na tua alma?

*Agave*

não compreendo ainda as tuas palavras... Mas recuperei  
a razão, operou-se uma mudança no meu espírito!

*Cadmo*

Queres ouvir-me e responder claramente?

*Agave*

Sim; até já esqueci o que disses antes, ó pai.

*Cadmo*

A que mansão te levou o himeneu?

*Agave*

A Equión me deste, o que dizem nascido dos dentes do dragão.

*Cadmo*

Ao teu esposo, que filho em sua mansão nasceu?

*Agave*

De nosso amor comum Penteu é o fruto.

*Cadmo*

E agora de quem é a cabeça que nos teus braços sustém?

*Agave*

De um leão; assim diziam as minhas companheiras de caça.

*Cadmo*

Olha agora bem; pequeno esforço te custará.

*Agave*

Que contemplo? O que trago nas minhas mãos?

*Cadmo*

Observa-a e reconhece-a melhor.

*Agave*

Eu vejo, ó desventurada, uma dor desmedida!

*Cadmo*

Ainda te parece que se assemelha a um leão?

*Agave*

não, a cabeça de Penteu eu seguro, ó desventurada!

*Cadmo*

Carpida foi, ante de a reconheceres.

*Agave*

Quem o matou? Como chegou às minhas mãos?



*Cadmo*

Ó desgraçada verdade, em momento errado te recompões!

*Agave*

Fala! O meu coração treme pelo que se segue.

*Cadmo*

Foste tu que o mataste, tu e as tuas irmãs.

*Agave*

Onde morreu? No palácio? Em outro lugar?

*Cadmo*

Onde outrora os cães a Actéon despedaçaram.

*Agave*

Por que foi ele ao Citéron, o desgraçado?

*Cadmo*

Ia ultrajar o deus, e as tuas Bacanais.

*Agave*

E nós como é que alcançamos tais paragens?

*Cadmo*

O delírio báquico vos tomou, a vós e à cidade toda.

*Agave*

Dioniso nos perdeu; agora compreendo.

*Cadmo*

Sentia-se ultrajado, por não acreditares que era um deus.

*Agave*

Onde está o corpo amado de meu filho, ó pai?

*Cadmo*

Com grande canseira o procurei e trouxe.

*Agave*

Todos os membros estão decentemente reunidos?

.....

*Agave*

Na minha demência, que parte coube a Penteu?

*Cadmo*

A vós se igualou, no seu desprezo ao deus.  
Por tal, a todos nós em desgraça comum ele envolveu,  
para vos destruir a vós, a ele, à minha casa,  
e a mim, que fico privado de um filho varão,  
deste fruto das tuas entranhas, ó infortunada,  
que eu vejo morto por afrontosa e execrável morte!  
Ó tu, em quem a casa tinha os olhos postos – apoio único, ó filho,  
de minha casa eras, tu, que da minha filha descendias!  
À cidade inspiravas temor, e ao ancião  
não ousavam insultar, quando miravam  
a tua frente – com justo castigo os puniriam!  
Desta mansão, sem honra vou ser exilado,  
eu, o grande Cadmo, que a raça dos Tebanos,  
a mais famosa seara, semeei e ceifei.  
Ó tu, de entre os homens o mais caro – embora já não existas,  
entre os mais caros me são te contarei, ó filho –  
já não virás mais acariciar o meu queixo com a tua mão,  
nem me estreitarás, chamando-me o pai de tua mãe, ó filho,  
e dizendo: “Quem te ofende, quem te despreza, ó ancião?  
Quem te aflige e perturba o coração?  
Diz, para eu punir quem te maltrata, ó pai!”  
Um desgraçado agora sou, e um desventurado és tu também,  
infortunada a tua mãe e as suas irmãs desventuradas!  
Se existe alguém que aos deuses despreze,  
esta morte considere e nos mortais creia.

*Coro*

Tua dor eu sinto, ó Cadmo! Sofreu castigo  
justo, o filho da tua filha, mas que penar o teu!

*Agave*

Vês como a minha vida se alterou, ó pai?

.....

.....

*(Dioniso aparece ex machina.)*

*Dioniso*

.....

.....

Mudando de forma, a dragão passarás, e a tua esposa  
em animal se tornará, tomando a forma de serpente,  
a filha de Ares, Harmonia, que tu, sendo mortal, desposaste.  
Diz um oráculo de Zeus que um carro de bois  
com a tua esposa conduzirás, e, dirigindo os bárbaros,  
arrasarás inúmeras cidades com um exército  
numeroso. Mas, quando o oráculo de Lóxias  
saquearem, um mísero regresso terão.  
A ti, porém, Ares te salvará, bem como a Harmonia;  
à terra dos Bem-aventurados tua vida levará para sempre...  
Eu, que tais coisas anuncio, de pai mortal não nasci,  
mas de Zeus: sou Dioniso. Se bom senso  
tivésseis, o que não quisestes, da aliança  
e da felicidade do filho de Zeus desfrutaríeis.

*Cadmo*

Amerceia-te de nós, que te injuríamos, ó Dioniso!

*Dioniso*

Tarde o reconhecestes; não soubestes fazê-lo.

*Cadmo*

Comprendemos, mas tu fere-nos com dureza.

*Dioniso*

Deus que nasci, de vós me vieram ultrajes.

*Cadmo*

não devem os deuses, no rancor, aos mortais igualar-se.

*Dioniso*

Há muito que Zeus, o meu pai, fixou os acontecimentos.

*Agave*

Ai! Ai! Ó ancião, decretado está o penoso exílio!

*Dioniso*

Por que tardais, se a necessidade o ordena?

*Cadmo*

Ó filha, a que desgraça atroz chegamos,  
todos nós, tu, infelizmente e as tuas irmãs,  
e este desditoso que eu sou! Para os bárbaros irei,  
como ancião intruso! Um oráculo me mandou  
que contra a Hélade uma horda confusa de bárbaros conduzisse.  
À filha de Ares, Harmonia, minha esposa,  
que das serpente a forma selvagem partilhará comigo,  
contra altares e túmulos helênicos a conduzirei,  
à frente das lanças. Termo não terá  
o infortúnio de meus males, nem atravessarei o Aqueronte  
que leva às profundezas, para ficar em paz!

*Agave*

Apartada de ti, para o exílio irei, ó pai!

*Cadmo*

Para que me rodeias com os teus braços, ó filha mísera,  
tal o cisne jovem a um outro, já grisalho e sem defesa?

*Agave*

Banida da pátria, para onde encaminharei maus passos?

*Cadmo*

Não sei, filha. Débil é a ajuda de teu pai.

*Agave*

Adeus, mansão minha, adeus, ancestral  
cidade! Pela desventura vos deixo,

do tálamo exilada!

*Cadmo*

Vai, ó filha. O filho de Aristeu

.....

*Agave*

Eu te lamento, pai!

*Cadmo*

E eu a ti, filha,  
e, pelas tuas irmãs, lágrimas derramo.

*Agave*

De modo terrível, o divino Dioniso  
tua morada com esta tortura  
atingiu!

*Dioniso*

Injúria terrível de vós me veio;  
privado de honra foi meu nome em Tebas!

*Agave*

Sê feliz, pai!

*Cadmo*

Sê feliz,  
desgraçada filha! Difícil te será!

*Agave*

Levai-me na vossa companhia, para onde as minhas irmãs,  
desditosas e comigo exiladas, a mim juntarei!  
Quisera ir para longe,  
que nunca mais visse o Citéron impuro,  
nunca mais meus olhos o Citéron avistassem,  
nunca mais do tirso me lembrasse!  
Que o aceitem outras Bacantes!

***Coro***

Muitas são as formas do divino,  
e muitas as ações imprevistas dos deuses.  
O que esperávamos não se realizou;  
para o inesperado o deus achou caminho.  
Assim terminou este drama.